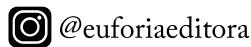


BOY PARTS: PARTES MASCULINAS

EUFORIA

[www.guerraepaz.pt/euforia](http://www.guerraepaz.pt/euforia)



EDIÇÃO ORIGINAL

Título: *Boy Parts*

Autora: Eliza Clark

© 2020 por Eliza Clark

Não pode ser vendido para o Brasil

EDIÇÃO EM PORTUGUÊS

Título: *Boy Parts: Partes Masculinas*

Acompanhamento editorial: Maria José Batista

Tradução: Mariana Mata

Revisão: Sofia Graça Moura

Design de capa: Ilídio J.B. Vasco

Paginação: André Cardoso

ISBN: 978-989-576-009-1

Depósito legal: 520901/23

1.ª edição: Outubro de 2023

Impresso pela Publito em Braga

© Guerra e Paz, Editores, Lda., 2023

Reservados todos os direitos

**EUFÓRIA**

**Euforia** é uma chancela da **Guerra e Paz, Editores**



R. Conde de Redondo, 8-5.º Esq. · 1150-105 Lisboa

Tel.: 213 144 488 · [guerraepaz@guerraepaz.pt](mailto:guerraepaz@guerraepaz.pt)

Esta obra foi composta em Adobe Caslon e Interstate, Typestar  
e impressa sobre papel Holmen 80 g 1.6

BOY  
PARTS

PARTES  
MASCULINAS

Eliza Clark



Para a minha mãe e pai: Por favor, não leiam isto.



*Imagens que idealizam não são menos agressivas do que  
obras que fazem da banalidade uma virtude. Há uma agressão  
implícita em qualquer uso da câmara.*

SUSAN SONTAG,  
*Ensaios sobre Fotografia*



## Agradecimentos

Tenho uma enorme gratidão para com a equipa da New Writing North. Sem o seu generoso Fundo de Talentos para Jovens Escritores, é altamente improvável que este livro tivesse sido escrito. Gostaria de agradecer particularmente a Matt Wesolowski, que foi o meu mentor, e cuja assistência especializada e encorajamento ajudaram a levar *Boy Parts: Partes Masculinas* de uma *short-story* inchada até um romance em seu pleno direito.

Gostaria também de agradecer à equipa da revista *Mslexia*, onde trabalhei durante a maior parte da escrita deste livro, e que me serviu como um excelente curso intensivo no mundo da edição britânica. Talvez valha a pena referir que este romance foi impulsivamente apresentado por uma das minhas contas-fantoches à Influx Press num evento de apresentação da *Mslexia Max* que eu tinha organizado e estava a moderar. Uma prova do ditado que diz que «quem não arrisca, não petisca».

O que nos leva ao Gary, ao Kit e à Sanya, a equipa da Influx, vanguardistas da publicação independente e um grupo de pessoas fantásticas, sem as quais nada disto seria possível.

Estou grata aos meus pais, Ken e Wendy, e à minha família alargada pelo seu apoio – e estou igualmente em dívida para com um grupo anónimo de intelectuais conhecido apenas como

*The K Hole Flirters* por ter facilitado grande parte da investigação que deu origem a este romance. Para além disso, gostaria de agradecer aos meus primeiros leitores, entre eles o meu companheiro George. O amor e o apoio incondicionais do George foram essenciais para a escrita, edição e conclusão deste livro, e sê-lo-ão para todos os projetos futuros. A não ser que nos sepáremos, e nesse caso, que grande gafe será, hã?

## Dean/Daniel

Sinto o vómito a vir-me à boca no autocarro para o trabalho. Engulo. A sandes que comi na paragem do autocarro ainda é identificável pela textura e sabor.

Quando o autocarro para, cambaleio. Imagino-me a cair sobre o tornozelo, o osso a partir-se e a rasgar-me a pele. Imagino-me a tirar uma fotografia no Serviço de Urgência e a enviá-la ao Ryan; *que chatice, não me parece que consiga ir hoje!* Mas não me consigo obrigar a cair. É como tentar manter a cabeça debaixo de água rasa; não se consegue.

- Estás bem, querida? – pergunta o condutor do autocarro.
- Mais ou menos – respondo.

Chego ao bar meia hora atrasada. Era suposto abrirmos ao meio-dia. O Ryan não estará cá, pelo menos, antes da uma. Encosto a testa contra o vidro frio da porta, a tentar repetidamente enfiar a chave na fechadura, e deixo lá uma mancha de base clara.

Faço o mínimo para abrir e vou bebendo água como precaução até o Ryan chegar. Queixa-se de eu ter deixado marcas de maquilhagem na porta (outra vez) e por não ter tirado as cadeiras de cima das mesas do mezanino. Chama-lhe *mez*. Tenho a cabeça a latejar. Pergunta-me a que horas cheguei a casa (quatro da manhã – «duas», respondo) e se estou de ressaca

(– «não»), depois deixa-me sozinha no bar e vai para o escritório fingir que trabalha.

Corto fruta em paz durante uma hora; mato seis limões e esfolo um ananás. Não toco nas limas, com aquele sabor azedo do meu último *shot* de tequila ainda presente na língua.

Ouço-os antes de os ver. Homens engravatados, a marcharem pela rua abaixo, uma dúzia deles. Entram de rompante, aos gritos, ruborizados e cheios de si, e fico a misturar *Old Fashioneds* durante meia hora.

Queixam-se de que estou a demorar muito tempo. Ofereço-lhes um *Manhattan* como alternativa mais rápida, e o líder do grupo troça da ideia. Tem a gravata de marca desapertada e abre também o botão de cima da sua camisa com monograma; um relógio enorme algema-lhe o pulso grosso. Houve ali um esforço enorme para parecer visivelmente rico. Provavelmente, mais um «de casaco de peles e cuecas rotas», como diria a minha mãe.

- Um bocadinho *efeminado* para nós, querida.
- É basicamente igual ao *Old Fashioned*, só que é um pouco mais rápido de preparar – afirmo eu, com as duas mãos a mexerem uma colher de bar simultaneamente em dois copos. Tem os olhos fixos nas minhas mamas, por isso não me apinha a fazer uma careta.
- São cor-de-rosa, não são? Esses não são cor-de-rosa?
- Não, é à base de *bourbon*. – Acho que está a confundir com o *Cosmopolitan*; não o quer, de qualquer forma.

Sobem ao mezanino e reclamam bem alto do tempo de espera. Não dão gorjeta. Claro que não dão porra nenhuma.

Rezo para que seja só uma rodada, mas compram duas garrafas de *Auchentoshan* e estou lixada. Faço um *esforço* enorme